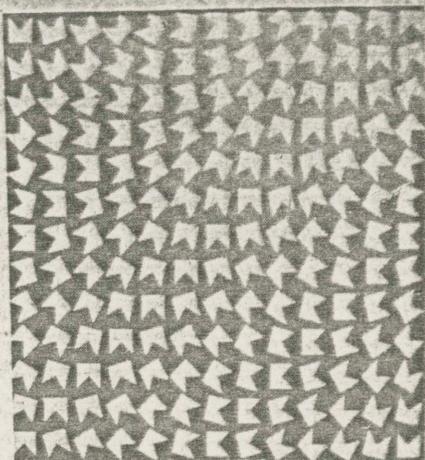
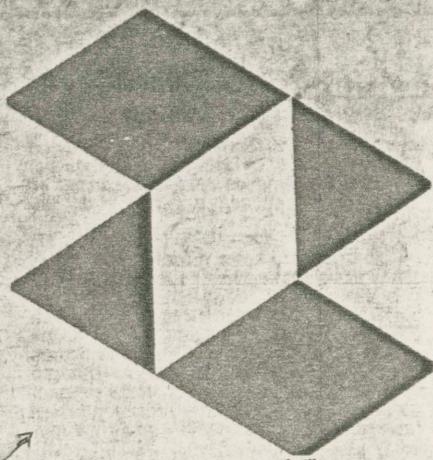


Artes Plásticas/Crítica



Pintura de 1958, de Fiaminghi.



Sacilotto: "Homenagem a Volpi".

A sólida geometria de Fiaminghi e Sacilotto

IVO ZANINI

O sólido construtivismo-geometrismo de dois de seus principais artífices brasileiros — Hermelindo Fiaminghi e Luiz Sacilotto — está em dupla retrospectiva no Museu de Arte Moderna (parque Ibirapuera).

Nas duas grandes salas da entidade, onde se distribuem quase 300 trabalhos, o público interessado em arte ou não acompanhará duas trajetórias que curiosamente se iniciam quase à mesma época, desenvolvem-se em ritmo progressivo e atingem parâmetros praticamente insuperáveis às metas que ambos os artistas se propuseram alcançar.

Das primeiras figuras com leve conotação acadêmica, passando pelo figurativo expressionista e até cubista, as obras de Fiaminghi e Sacilotto convergem para o geométrico puro, para culminar no construtivismo de grande força. Fiaminghi concentrado mais nas cores, nos efeitos cromáticos, na luz, na meticulosidade dos pormenores; Sacilotto na perseguição à forma refinada, no requinte dos quadros e retângulos, na precisão da optical-art, na ilusão ótica.

Em conjunto, um feérico espetáculo de linhas retas e côncavas, de intrincados mas harmoniosos labirintos, de esplendor de cores e seus reflexos. Princípios e infinitos de formas de muita imaginação e criatividade, carreando para Fiaminghi e Sacilotto lugares próximos à "pole-position" da arte geométrica, construída. E uma certeza: para mim, a mais destacada e oportuna retrospectiva dupla do ano. Até aqui.

O construtivismo de Hermelindo Fiaminghi não surgiu ao acaso, de improviso, nem por acompanhar modismos. Já no início da década de 50 ele junta sua experiência de pintor de cenas de bairros com os conhecimentos que adquire da arte concreta.

Em várias pinturas a partir de 1953 Fiaminghi torna clara a sua fixação nas formas geométricas. Mais: avança pelas composições que se transformam em fontes de luminosidade. Seus triângulos e virtuais têm movimento-luz, do mesmo modo que a transparência toma conta de suas obras. O aprimoramento no campo da

retícula, da cor-luz, não demora e a cada nova composição o trabalho de Fiaminghi cresce em filigrana das formas e na multiplicidade cromática. Beleza visual pura, conseguida através de quase quarenta anos de permanente trabalho de estudos e pesquisas. E em silêncio, abstraído de promoções.

Se nem todos os quadros apresentados no MAM têm, obviamente, o mesmo impacto da maioria, o que prevalece é a ação conjunta que o artista desencadeia pelas paredes e painéis do Museu. Nas obras de grandes dimensões, como nas de pequeno porte, fica cristalizado o trabalho sério do seu realizador.

A página que Fiaminghi deixa registrada para incorporar-se ao profícuo período geométrico da arte brasileira é fundamental para a perfeita compreensão dessa tendência entre nós. Não há como historiar-se a evolução do construtivismo isolando a obra desse artista. E isso já diz tudo.

Da composição expressionista das paisagens, naturezas-mortas, nus e até auto-retratos, Luiz Sacilotto deixou tudo pelas experiências geométricas. Isso no início dos anos 50. E desde então sua obra tem sido espécie de perseguição incansável às linhas e formas depuradas da arte concreta, do construtivismo. Com um rico pormenor a mais: o cinético, a "op-art", que soube introduzir tão bem em seu trabalho. Três décadas e um só objetivo: a arte maior.

Ao avançar pelos óleos, desenhos, esculturas e até monótipias que Sacilotto levou para o MAM, até certo ponto torna-se fácil aquilatar o seu arranque na busca por um geometrismo cada vez mais consistente.

São obras construídas com imaginação, e isso significa beleza e profundidade nas formas, cores e nas ilimitadas projeções que o artista condensa na tela, na madeira ou no ferro e no alumínio. Na quase totalidade das peças expostas há uniformidade de tratamento, próprio do cultor sério de um objetivo a alcançar. E Sacilotto não se desvia da trilha, pois faz das suas expressões e concreções, como denomina as obras, verdadeiro ritual para superar os obstáculos eventuais que a arte apresenta. Acho que está conseguindo plenamente.